


# «MUITO RESPEITOSAMENTE...»

assinava



— ... O TIPO já estava a ir longe de mais e eu cortei o mal pela raiz: «Ouça, o cavalheiro sabe com quem está a falar?»

— E ele?

— Ele? Amansou, que remédio.

Que casal é este, tão composto e tão turístico, que atravessa, assim, no metropolitano da Piccadilly Line (e em português corrente), a cidade meio adormecida?

Média burguesia lisboeta, arrisco eu, olhando-os do meu lugar. Ele de unhas envernizadas, sapatos brilhantes, cara escanhoad e luzidia — envernizada também, pode dizer-se. Ela, a aproximar-se da mini-saia, retrai-se: veste portuguêsissimamente, apenas com um chapéu de feltro cem por cento londrino a dar a nota da viagem. Vem carregada de compras, de sacos da Miss Selfridges, B. & H., Marks & Spencer. O homem, muito direito no banco em frente, continua a falar (protegido, julga ele, pelas imunidades do português coloquial).

Por cima de nós nove milhões de habitantes repousam, enfim, do ciclo diário de uma cidade que se debateu em trânsito, marchas de protesto, comércio, pubs, entrevistas na televisão com o general Gowon ou com o John Lennon da exposição cancelada; ou com Ionesco ou com Enoch Powell, o racista. E por baixo da cidade, a não sei quantos metros de profundidade, circula um homem de unhas envernizadas que relembra a conversa que teve algures, para lá do aeroporto da Portela, com um indivíduo que ignorava com quem estava a falar.

É pessoa dos seus quarenta anos, parece. A idade de uma visita conjugal ao *strip tease* e aos clubes *sexy* do Soho. Na sua qualidade de comerciante, não dispensará uma peregrinação pela City à hora do meio-dia e, à noite, está certo e batido no *Talk of The Town*.

Estará? O mais prudente é eu retirar o que disse. Uma pessoa nunca sabe de quem está a falar...

## «VIAJAR, PERDER PAISES...»

Agora, não sei porquê, imagino um outro viajante no momento em que abandona o grande aeroporto. O de Orly, suponhamos; ou o de Fiumicino; ou o de Rhine/Main, de Frankfurt, ou o Brønna, de Estocolmo. Um qualquer, tanto faz.

O viajante em causa está sentado com outros viajantes como ele que têm a creditação bilhete em dia e o passaporte com mais ou menos carimbos. Percorreu balcões, olhou quadros de tráfego,

andou por cidades onde não lhe lizeram cumprimentos especiais por ser estrangeiro — e vai partir.

Dá a nada, a 900 km/h e a 9 mil metros de altitude, ele e o emigrante que vai a seu lado comem a mesma refeição, obedecem às mesmas disciplinas de transporte, vão, em suma, iguados pela condição anónima de cidadãos do mundo. («Viajar, perder países», tinha dito Pessoa. «Ou perder a pátria?», perguntará, se perguntar, o moço emigrante)

Depois, com a calma que uma rotina eficiente os habituou, sairão em ordem, atravessando em pleno sol de Inverno a pista da Portela de Sacavém. Estou a vê-los, ainda anónimos, ainda conscientes das leis do convívio que generalizam os homens das grandes cidades, tomarem lugar na bicha dos passaportes. «*Enjoy the Sun in Portugal*», diz um cartaz com o Castelo de São Jorge iluminado pelo turismo. E eles, com os ouvidos velados pela alta pressão avançam, por ordem, num silêncio discreto.

É então que do lado de lá das cancelas — uma voz estala com a eloquência de uma proclamação:

«Doutor, ó, doutor!»

A bicha estremece. Por detrás

da voz surge mais gente a acenar:

«Viva, doutor. Fez boa viagem.

doutor?»

«Ótima, doutor», responde o

vijante. «Recebeu a minha carta?»

«A sua mulher está lá em cima,

doutor», acrescenta uma outra voz.

«Já sei, doutor. Obrigado», diz

então o doutor do lado de cá.

A bicha contorce-se, um doutor do lado de cá obtém autorização para passar a cancela e vem abraçar o doutor do lado de cá. Percebe-se que quer dizer qualquer coisa e que não consegue. O ronco majestoso de um «Boeing» atroou pela pista e abafa-o. Abafa tudo, faz estremece as paredes e apaga com turbinas e octanas a alegre saudação dos doutores.

## LISBOA, TANTOS DE TAL

O homem de sobretudo cor de mel prepara-se para ocupar a

mesa que vagou. Mas um momento: vem já aí o criado mais engomado do restaurante a abrir caminho a um homem de sobretudo de goia de pele e com meia vénia oferece-lhe a cadeira

O homem do sobretudo cor de mel (que, para o caso, poderia ser o doutor do lado de cá do aeroporto; ou o do lado de lá — é igual), o sobretudo sem lugar, digamos assim, ergue a cabeça, levemente ofendido. Afasta-se para longe do homem do sobretudo de goia de pele — cavalheiro, mais propriamente — e evita olhá-lo. No entanto, é como se o estivesse a ver: óculos de aros de ouro apontados para a ementa, gravata clara em sobretudo de lã leve, muito engomado todo ele

Isto é a farda, diz a experiência do cliente cor de mel — homem, cavalheiro, excelência, enfim aquilo que por enquanto ainda não se pode saber. Isto é a farda do cidadão autorizado e a indiferença e um certo estilo burocrático nos modos também fazem parte da farda. Toda ela é hierarquia. (E toda ela assenta nuns sapatos negros resplandecentes — acrescento eu à minha conta, visto que, como se sabe lá fora, a nossa indústria de calçado é das mais prestigiadas.

Bem, com tudo isto, o homem do sobretudo cor de mel continua à espera. Sabe que entre um sobretudo de goia de veludo e o *smoking* de um criado engomado existe um pacto lusitano. Mas precisa de almoçar, tem mesmo um encontro-marcado naquele restaurante.

«Ouça lá», chama então o criado, com um dedo. «A próxima mesa é para mim.»

«Muito bem, vou já avisar o meu colega...»

«Vai avisar coisa nenhuma», torna o homem que, pela maneira como o criado o olha, é certamente cavalheiro e se calhar excelência até. «Despache-se, ande lá.»

É a vez de aparecer o chete de mesa:

«Tenha a bondade?»

«O senhor doutor tinha mandado reservar aquela mesa...», apressa-se o criado a justificar. «Se este senhor tivesse avisado logo que chegou...»

«Homem», diz o cavalheiro cor de mel, «avisei tal. Ou com quem é que você julga que está a falar?»

Londres, Fevereiro de 70.